

# “Segredo”

## Recriações e recepções musicais da obra de Maria Teresa Horta (1967-2024)

JOÃO CARLOS CALLIXTO\*

---

Em Maio de 2019 teve lugar na Reitoria da Universidade de Lisboa o Congresso Internacional “Maria Teresa Horta e a Literatura Contemporânea: de ‘Espelho Inicial’ (1960) a ‘Estranhezas’ (2018)”, cuja comissão organizadora integrei e no âmbito do qual moderei uma mesa-redonda com o título deste texto. Na mesma participaram os compositores Alfredo Teixeira, António de Sousa Dias, Custódio Castelo e o musicólogo Rui Vieira Nery. Após o congresso, algumas conversas com Maria Teresa Horta levaram-na a pedir-me que preparasse um texto à volta da minha apresentação tendo em vista a respectiva publicação num volume colectivo por ela coordenado. O texto foi então terminado e entregue, tendo a autora afirmado por mais de uma vez o seu grande gosto pelo mesmo e pela celebração da sua ligação à Música aí representada. Infelizmente, a obra não chegaria a ser publicada,

.....

\* DOI: <https://doi.org/10.34619/jfsd-enpp>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4837-416X>  
Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CEAUL – Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa. 1600-214 Lisboa, Portugal.  
[joaocharloscallixto@gmail.com](mailto:joaocharloscallixto@gmail.com)

pelo que me é deveras grato poder agora ver o texto finalmente incluído neste número especial da revista *Faces de Eva* dedicado a Maria Teresa Horta. Com essa publicação em vista, procedi, em Junho de 2025, a algumas revisões e actualizações ao mesmo, sendo que a imagem apresentada pertence ao exemplar da minha colecção particular.

## PRIMEIROS TEMPOS E PANORAMA ATÉ AO FINAL DA DÉCADA DE 1960

Na História da Indústria Fonográfica, o objecto privilegiado e mais longevo para o registo e edição do som é o disco gravado, nas suas múltiplas formas, e que nos permite recuar ao século XIX. Não será, assim, razão para admiração que, ao longo de mais de um século, diversas editoras discográficas tenham escolhido esse suporte não só para a gravação de música mas também para registar as vozes de poetas ou de declamadores, permitindo assim que tanto os ouvintes contemporâneos como as gerações vindouras possam conhecer e analisar esses registos. Se nem sempre o próprio autor é tido como o melhor declamador da sua obra, tem sobre qualquer outro intérprete a grande vantagem de proporcionar uma leitura mais próxima de uma eventual fonte primordial. Assim, desde que em 1889 o poeta britânico Robert Browning gravou, ainda em cilindro de cera, a sua voz a declamar um poema, o advento da indústria fonográfica fez com que esta fosse também uma área a explorar nos catálogos editoriais. De igual forma, é paralelo com este percurso o da gravação em disco de recriações musicais de textos de autores com obra também publicada em livro, possibilitando assim o conhecimento de textos e de obras que de outra forma não chegariam ao grande público<sup>[1]</sup>.

Em Portugal, a recriação musical de poesia de autores nacionais tem também tradição na História da Indústria Fonográfica. Recuando à primeira metade do século XX, em que o suporte padrão para a comercialização de fonogramas era o disco de 78 rotações, encontramos diversos cantores a darem voz às palavras de Afonso Lopes Vieira, de António Botto ou de

1. Um de entre milhares de exemplos é o da gravação em 1940 de “Jerusalem”, com texto de William Blake e música de Hubert Parry, cuja interpretação pelo cantor lírico norte-americano Paul Robeson seria publicada pela etiqueta His Master’s Voice.

António Nobre, entre outros. No entanto, os dois autores internacionalmente mais reconhecidos no âmbito das Letras Portuguesas – Luís de Camões e Fernando Pessoa – tiveram de esperar até à década de 1960 para que os seus poemas em versão cantada fossem gravados em disco, respectivamente por Amália Rodrigues<sup>[2]</sup> e por Frei Hermano da Câmara<sup>[3]</sup>. No caso de autores estreados em livro nessa mesma década, se a poesia de Manuel Alegre foi gravada em disco ainda antes da primeira obra publicada em livro<sup>[4]</sup>, Maria Teresa Horta seria assim a segunda autora (e primeira mulher) dessa geração a ter as suas palavras musicadas e gravadas<sup>[5]</sup>. Estávamos em 1967 e a sucursal portuguesa da editora discográfica holandesa Philips, então em fase de transformação do catálogo português, publicava o primeiro disco de um cantor que então despontava.

Esse jovem dava pelo nome artístico de Nuno Filipe (1947-2002), mas nascera José Manuel Souto Guerra de Barros. Era irmão do jornalista Luís de Barros e, portanto, cunhado de Maria Teresa Horta. Seria, assim, uma relação familiar a potenciar em Portugal o primeiro trabalho aturado entre um autor publicado e um cantor e escritor de canções, neste caso inserido numa matriz sonora pop rock – dois anos mais tarde, José Carlos Ary dos Santos e Fernando Tordo iniciariam um trabalho congénere, embora fora do referido universo pop rock. Entre 1967 e 1970, foram publicados quatro discos resultantes da colaboração entre Maria Teresa Horta e Nuno Filipe (na dupla qualidade de escritor de canções e de intérprete), os dois primeiros para a editora Philips e os dois últimos para a espanhola Movieplay, que nessa altura se instalava em Portugal. Em termos de fontes poéticas, o primeiro desses discos – *Tema para um Discurso* (Filipe, 1967) – recorria num dos textos ao livro *Jardim de Inverno*, publicado no ano anterior, e em dois outros textos a *Cronista Não É Recado*, também de 1967. A este mesmo livro recorreu Nuno Filipe no disco seguinte – *A Feira*, de 1968 – para as composições “Retrato de Senhora” e “Vida, Velhice Morte de um Fidalgo de Lisboa”.

2. Em 1963, com “Dura Memória”.

3. Em 1965, com “Mar Português”, rebaptizado em disco como “Mar Salgado”.

4. O livro de estreia do autor, *Praça da Canção*, foi publicado em 1965, mas já em 1962 José Afonso e Adriano Correia de Oliveira tinham gravado em discos textos de sua autoria.

5. No trabalho de investigação que desenvolvi ao longo dos últimos 25 anos, foi possível apurar que a primeira autora a gravar poesia em disco de forma não episódica foi a alcobacense Virgínia Victorino (1895-1963). No final da década de 1920, gravou para a etiqueta Columbia dois discos de 78 rotações com um total de 12 poemas de sua autoria.

Curiosamente, em ambos os casos, as canções que davam título aos discos não provinham da obra publicada de Maria Teresa Horta, constituindo-se assim em poesia escrita directamente para ser cantada. Essa estreita colaboração entre Música e Literatura seria ainda mais acentuada nos dois trabalhos seguintes, *Nossas Canções/1* (Filipe, 1969) e *Nossas Canções/2* (Filipe, 1970), com acompanhamento do conjunto Os Álamos, de Coimbra, e de um grupo de músicos dirigido pelo pianista Pedro Osório. Apenas este último registo não seria editado em formato EP<sup>6</sup> mas em formato single<sup>7</sup>. Nestes dois discos, o nome de Maria Teresa Horta era também trazido à capa, como se de facto se estivesse perante um duo musical – que, por instantes, chegou a ser, através da participação vocal da poetisa na “Canção à Maneira de Saudade, Conforme Poema de El-Rei D. Diniz”, de *Nossas Canções/1* (Imagem 1).



**Imagem 1.** Contracapa do disco EP 45 rpm *Nossas Canções/1* (Filipe, 1969).

6. Acrónimo para Extended Play, disco de 7 polegadas normalmente com quatro faixas e que era então o formato privilegiado na indústria fonográfica em Portugal.
7. Disco também de 7 polegadas, mas geralmente com uma faixa de cada lado.

## ÚNICO DISCO GRAVADO POR MARIA TERESA HORTA E PANORAMA NA DÉCADA DE 1970

No ano de 1970, alguns dos poemas musicados nos discos gravados por Nuno Filipe integrariam o único disco de poesia declamada de Maria Teresa Horta. A Philips publicou então uma série de nove fonogramas, em formato EP, com os textos ditos pelos próprios autores. Sob o título genérico *Poesia Portuguesa*, toda a série foi produzida pelo radialista João Martins, que na altura apresentava na RTP o programa *Ensaio*. Herberto Helder foi o único poeta a gravar dois discos nessa série, onde deixaram registada a sua voz três poetisas: Luiza Neto Jorge, Maria Alberta Menéres e a própria Maria Teresa Horta. Na mesma época, é publicado o primeiro de vários registos em que outras vozes encarnam sonoramente a escrita da autora. No caso, tratou-se de Joaquim Moreira<sup>[8]</sup>, que tinha já gravado no ano anterior dois EP de poesia e que aqui juntava à autora textos de nomes como Almada Negreiros, António Gedeão ou José Gomes Ferreira. Até aos dias de hoje, actores ou declamadores como Carmen Dolores, Eunice Muñoz, Fátima Murta, Natália Luiza (num CD da acordeonista Inês Vaz), Odete Santos ou Vítor de Sousa deixaram registados em disco poemas de Maria Teresa Horta, sendo que no caso deste último a escolha da autora tem sido constante ao longo das décadas. Em *O Prazer de Pecar (7 Pecados Capitais)*, álbum de 2008, um dos conjuntos de poemas gravados foi seleccionado aliás por Maria Teresa Horta.

Regressando à música, o ano de 1971 conheceria nova incursão em disco da parceria da autora com Nuno Filipe, mas desta vez pela voz de Teresa Paula Brito (1944-2003)<sup>[9]</sup>. No entanto, para trás tinha ficado a canção "Deserto", interpretada pelo Sexteto Vocal Garvaya<sup>[10]</sup> na edição desse ano do Festival da Canção Portuguesa, na Figueira da Foz, onde se classificou em 3.º lugar. No caso de Teresa Paula Brito, o EP então publicado incluía

---

8. Sobre este declamador não foi possível apurar quaisquer dados biográficos.

9. Cantora com percurso em disco desde 1962, interpretou a canção "Verdes Anos" (letra de Pedro Tamen, música de Carlos Paredes) no filme homónimo de Paulo Rocha. Em 1969, participou no Festival RTP da Canção com "Buscando um Horizonte", cantando no mesmo ano ao lado de José Afonso em "Vai, Maria Vai", do álbum deste *Cantos Velhos, Rumos Novos*.

10. Grupo do qual faziam parte, entre outros, Eduardo Paes Mamede e João Lisboa, ambos mais tarde elementos do Grupo de Acção Cultural – Vozes na Luta.

quatro poemas do livro *Minha Senhora de Mim*<sup>[11]</sup> e apresentava um trabalho gráfico<sup>[12]</sup> semelhante ao da capa deste. Muito próximo do rock em termos de arranjos, com músicos como José Cid, Tozé Brito ou Vítor Mamede (à época, integrantes do Quarteto 1111), constituiu o último passo da colaboração entre Maria Teresa Horta e Nuno Filipe e o fim do percurso discográfico do músico. Seria também o início de uma curta pausa no âmbito das adaptações musicais de textos da autora e publicados em disco – pausa essa que duraria até ao 25 de Abril e que coincidiria com o processo em tribunal alusivo à obra *Novas Cartas Portuguesas*.

Logo em 1974, é de novo Teresa Paula Brito a dar voz a dois textos de Maria Teresa Horta, num single que a autora apresenta no texto da contracapa como “o primeiro disco feminista português”. “Mulheres Guerrilheiras” e “A Solidão da Mulher” são as duas canções, com música e arranjos de Pedro Jordão (n. 1937). Este compositor tinha surgido no cenário musical português em finais da década de 1960, como autor da música de “Balada da Traição do Mar”, canção concorrente ao Festival RTP da Canção de 1967, de “Liberdade”<sup>[13]</sup> e de todas as outras canções do álbum *Tudella Canta Música de Pedro Jordão*, em 1969. Mas em 1976 estreia-se também como intérprete, com o LP *Eu Já Voei! como Possivelmente Vocês Nunca Voaram... – A Música e a Voz de Pedro Jordão* (Jordão, 1976), em que adapta musicalmente vários poemas do livro *Educação Sentimental*, de Maria Teresa Horta, publicado no ano anterior. Para trás ficara ainda outro álbum, *Urgentemente* (Oliveira, 1974), em que o cantor e editor Branco de Oliveira (n. 1940) interpretava vários originais da autoria de Fernando Girão (n. 1951) e de Herman José (n. 1954) – entre eles, uma nova adaptação de “Poema sobre a Recusa”, com arranjos próximos do rock.

---

11. Trata-se dos poemas “Existem Pedras”, “Poema sobre a Recusa”, “Meu Aceso Lume” e “Meu Amor”.

12. O referido trabalho gráfico é da autoria do ilustrador e designer Fernando Felgueiras (n. 1941), que a partir de meados da década de 1960 assina diversas capas de livros, maioritariamente para as Publicações Dom Quixote.

13. Canção feita a partir de um poema de Manuel Alegre.

## DA DÉCADA DE 1980 AOS DIAS DE HOJE

A década de 1980 traz desde logo a primeira versão musical de "Segredo", um texto originalmente publicado em *Minha Senhora de Mim* (1971). Seria autor da mesma o cantautor Luís Cília (n. 1943), pioneiro na década de 1960 na divulgação dos grandes poetas portuguesas através da canção, e com ela encerrou o seu álbum *Marginal* (Cília, 1981) – onde cantava também poesia de David Mourão-Ferreira ou de Eugénio de Andrade. Já em 2003, o guitarrista Custódio Castelo (n. 1966) voltaria a musicar o poema, desta vez para o entregar à fadista Cristina Branco (n. 1972), que o grava no álbum *Sensus* (2003) e onde conta também com textos mais uma vez de Mourão-Ferreira e de Eugénio – dois outros autores que também celebraram o corpo na sua obra. "Segredo" surge de novo em 2018, no álbum *Eros – Canções Eróticas e de Amor*, do agrupamento Willow Ensemble (2018) e com música agora do compositor Jorge Salgueiro (n. 1969), confirmando o lugar central do poema no quadro das adaptações musicais da poesia de Maria Teresa Horta.

Se os anos 1990 não conheceram edições em disco de poemas musicados da autora, o novo século abre logo com dois. Por um lado, Custódio Castelo apresentara em 2000 a primeira obra musical sua a partir de um poema de Maria Teresa Horta – "Post-Scriptum", que encerrava *Minha Senhora de Mim* e que daria aliás título ao quarto álbum da fadista Cristina Branco (2000), o último antes de assinar contrato com a multinacional Universal Music. Por outro, é Luís Represas (n. 1956) que surge, também no seu quarto álbum de estúdio a solo, com uma adaptação própria para "Quem Disse" (Represas, 2000). A viragem da primeira para a segunda década do século XXI veria a edição de dois projectos que fundiriam de forma ainda mais particular os mundos da escrita e da música. Ambos publicados em livro com acompanhamento de CD, *Les Sorcières – Feiticeiras* (Rosa, 2006) e *A Dama e o Unicórnio* (Dias, 2013) são trabalhos em que as duas artes acabam por se mostrar indissociáveis. O primeiro tem música de António Chagas Rosa (n. 1960) e interpretação do Ensemble Musicatreinze com direcção de Roland Hayrabedian, enquanto o segundo mostra como António de Sousa Dias (n. 1959) concebe estruturas sonoras muito próprias para a voz da actriz e cantora Ana Brandão (n. 1971). Entretanto, no ano de 2011 foi publicada uma recriação musical de "Instrumentos de Trabalho"

(poema do livro *Cronista Não É Recado*, de 1967) por Álvaro Amaro (n. 1961), cantautor também com percurso em nome próprio, e incluída no CD *Aromas*, o segundo do grupo barreirense Dialecto (2011). Já em 2014, o grupo pop Donna Maria, na sua terceira incursão discográfica, inclui a adaptação original que o músico brasileiro Múcio Sá (n. 1967), a residir em Portugal desde 1991, faz do poema “Morrer de Amor” – publicado no livro *Destino*, em 1998.

Nesta nova década de 2020, desenhada entre a crise pandémica e a morte de Maria Teresa Horta, ainda não houve adaptações musicais a conhecerem edição fonográfica, seja ela em disco de vinil, em CD ou em cassete. Até por isso, não será justo deixar passar em branco a muito recente inclusão de dois poemas da autora (“Até Chegar a Mim” e “Contradições”) declamados pela atriz Natália Luiza (n. 1960) em *Pétala* (Vaz, 2024), o mais recente CD da acordeonista Inês Vaz (n. 1988), autora portanto da base instrumental em ambos os casos. Mas decerto que a diversidade e a perenidade das leituras da obra da autora de *Mulheres de Abril* continuarão a trazer novos desafios para os músicos que dela se abeirarem, num *post-scriptum* eterno e sedutor.

## REFERÊNCIAS

- Branco, C. (2000). *Post-Scriptum* [Álbum]. L'Empreinte Digitale.
- Branco, C. (2003). *Sensus* [Álbum]. EmArcy.
- Brito, T. P. (1971). *Minha Senhora de Mim* [EP]. Movieplay.
- Brito, T. P. (1974). *Mulheres Guerrilheiras* [Single]. Osiris.
- Cília, L. (1981). *Marginal* [Álbum]. Diapasão.
- Dialecto (2011). *Aromas* [Álbum]. Cloudnoise.
- Dias, A. S. (2013). *A Dama e o Unicórnio* [Álbum]. Miso Records.
- Donna Maria (2014). *Três* [Álbum]. Farol Música.
- Filipe, N. (1967). *Tema para um Discurso* [EP]. Philips.
- Filipe, N. (1968). *A Feira* [EP]. Philips.
- Filipe, N. (1969). *Nossas Canções/1* [EP]. Sonoplay.
- Filipe, N. (1970). *Nossas Canções/2* [Single]. Movieplay.
- Jordão, P. (1976). *Eu Já Voei! como Possivelmente Vocês Nunca Voaram... – A Música e a Voz de Pedro Jordão* [Álbum]. Alvorada.

Oliveira, B. (1974). *Urgentemente* [Álbum]. Metro-Som.

Represas, L. (2000). *Código Verde* [Álbum]. Mercury Records.

Rosa, A. C. (2006). *Les Sorcières – Feiticeiras* [Álbum]. Actes Sud.

Vaz, I. (2024). *Pétala* [Álbum]. Edição de Autor.

Willow Ensemble (2018). *Eros – Canções Eróticas e de Amor* [Álbum]. Edição de Autor.

Data de submissão/Submission date: 27/06/2025

Data de aprovação/Approval date: 26/01/2026

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license.